

PROGRAMA DE ÍNDIO

# Alemães passam as férias com os xavantes

Um grupo de 14 adolescentes veio ver de perto como é o dia-a-dia de uma tribo indígena na América do Sul



Fotos Bel Pedrosa/Folha Imagem

Claudia Rueckenbiel atiza a fogueira na Casa Indigenista (SP); ela trabalhou seis meses para viajar para a reserva xavante

**FERNANDA GODOY**  
Da Reportagem Local

Todo mundo tem suas férias inesquecíveis, aquelas das quais se volta diferente, mudado para sempre. Neste mês de julho, 14 adolescentes alemães tiveram as deles numa aldeia xavante na reserva Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. Oito dias dormindo em maloca, comendo carne de anta, aprendendo a usar arco e flexa, assistindo às reuniões diárias do conselho da tribo, vivendo um dia-a-dia radicalmente diferente do seu.

"Fiquei fascinada. Os índios vivem com a natureza e não contra ela", diz Claudia Rueckenbiel, 19, que trabalhou seis meses como "baby-sitter" em Hamburgo, sua cidade, para juntar dinheiro para ir visitar os xavantes. Como muitos outros, ela enfrentou a oposição dos pais à viagem. "Eles diziam que a 'vida selvagem' é perigosa. Nós descobrimos que a vida nas cidades é que é selvagem", diz.

Do grupo de "expedicionários" alemães (cinco meninos e nove meninas, com idades entre 11 e 19 anos), quase todos são colaboradores da revista ambientalista "Klick", dirigida ao público jovem. Mais de 500 crianças e adolescentes de diversas cidades da Alemanha escrevem para a revista, que tem tiragem de 30 mil exemplares.

Eles chegaram à aldeia xavante no começo do mês, levando nas mochilas quilos de remédios e muita água mineral. Ficaram hospedados em duas malocas (uma para meninas e outra para meninos) construídas especialmente para eles, mas não trocaram seus "sleeping bags" pelas esteiras dos índios.

Aos poucos, foram se despojando. Perceberam que a vida é possível sem dinheiro, TV ou Coca-Cola. "Nossa primeira sensação foi de deslocamento total, mas logo ficamos impressionados com a generosidade e o jeito simples de viver deles",

conta Claudia.

A comunicação, claro, foi difícil. Em alguns casos, eram necessários três intérpretes para passar do xavante ao alemão, com escalas em português e inglês. "Mas os índios usam muito a linguagem dos gestos, o que facilitou. Eles têm capacidade de entender os sentimentos dos outros sem precisar de palavras", diz Claudia.

Só os homens xavantes têm algum contato com os brancos. As mulheres não saem da aldeia. Nem as crianças ou adolescentes. Por isso, foi mais fácil para os estrangeiros se relacionar com os homens, acostumados a esse tipo de convívio. "Foi difícil fazer contato com as meninas da nossa idade, porque elas já são casadas, têm filhos. Não são adolescentes como nós", observa Claudia.

Os alemães assistiram a várias cerimônias da cultura xavante, inclusive ao "waiá", que é o ritual de iniciação na vida adulta. O adolescente xavante —chamado "wapté"— passa cinco anos afastado da convivência com a família, aprendendo os costumes de seu povo.

Os dois meninos mais jovens do grupo alemão —Faris Nativ, 11, e Simon Beckmann, 12— participaram do "waiá" e foram os que melhor se integraram ao grupo. Andaram o tempo todo pintados e aprenderam a usar arco e flexa com tal destreza que acabaram cativando os índios mais velhos.

Nas despedidas, muitos choraram e alguns chegaram a dizer que não queriam voltar para casa. Os diários de viagens estão repletos de impressões e imagens inesquecíveis, mas nenhum dos meninos acredita que vai poder explicar aos seus pais e amigos o que viveu numa remota tribo da América do Sul. "É o tipo de coisa que é preciso experimentar para entender", resume Claudia.

## Para cacique, grupo mostrou seriedade

Da Reportagem Local

A visita dos jovens alemães à aldeia xavante envolveu quatro anos de delicadas negociações. A tribo, composta de cerca de 600 pessoas, tem pouco contato com o mundo exterior. "Aceitamos porque eles não vieram só por curiosidade, mas tinham um trabalho a fazer", explica o cacique Wazaié Xavante, 63, membro do conselho tribal que autorizou a ida dos europeus.

Os 14 meninos foram recebidos pelos guerreiros com toda a cerimônia. "Eles não são considerados crianças porque são de outra cultura", explica. Eles tiveram direito até a assistir às reuniões do conselho da tribo.

"Achamos importante eles conhecerem outra cultura com seus próprios olhos, na prática", acrescenta o cacique. Ele se disse surpreso com "a cabeça e o coração" dos meninos, sobretudo com o nível das perguntas. "Eles mostraram muita seriedade e compromisso com a preservação da natureza."

O cacique Wazaié disse que sua tribo não entende como esses jovens vieram de tão longe para conhecê-los, quando os brasileiros não demonstram interesse. "Foi muito bom eles verem como os nossos 'waptés' (adolescentes) vivem e educam seus filhos", diz.



O grupo de jovens alemães que passou férias com os índios